

A RAQUEL

Há uns tempos atrás, a meio de uma tarde muito trabalhosa de Verão, recebi uma notícia que me deixou profundamente triste e consternado: um filho da Judite tinha morrido. Não eram conhecidos mais pormenores. A Judite tinha quatro filhos, a mais velha dos quais com Trissomia 21. A Judite é uma pessoa excepcional, bondosa, solidária e extremamente activa no movimento associativo. Pensei, de imediato, que a Raquel, a filha com Trissomia 21, tinha morrido. Preparei-me, logo, para me dirigir à quinta da família, situada no Ribatejo, local onde tinha ocorrido a tragédia. Ainda passei na Associação a buscar oito técnicas da instituição.

Ao atravessarmos a ponte Vasco da Gama, soubemos mais pormenores. A criança que morreu chamava-se João e era o terceiro filho da Judite. Morreu afogado na piscina. Uma pequena distração foi o suficiente. Fiquei muito apreensivo. Antevi, logo, o que se iria passar no velório: "isto é uma injustiça: em lugar de morrer a Raquel, que é deficiente, Nosso Senhor chamou a si o mais perfeito e bonito dos irmãos". As minhas oito companheiras de viagem aperceberam-se do meu estado de espírito. Até chegarmos à quinta, não trocámos, entre nós, uma única palavra. Foram momentos de grande aflição. Quem me conhece, sabe que eu não me calaria, se preferirem, não consentiria, mesmo num momento de grande contenção como aquele, qualquer reflexão, atitude ou acção que se constituísse numa discriminação negativa de uma criança com deficiência.

Quando chegámos à quinta, estive, pelo menos, cinco minutos dentro da furgoneta, sem conseguir sair. Enchi-me de coragem e dirige-me à Judite. Não lhe disse nada. Abracei-a, tão simplesmente. Julgo que ela também compreendeu o meu sofrimento e sensação de incomodidade. Ela conhece-me bem, designadamente os meus valores, e sabia que eu iria

ser intransigente e que não toleraria quaisquer menções negativas à Raquel em particular ou à situação de Deficiência em geral.

Aproximei-me da sala onde decorria o velório numa grande tensão. Sentia, mesmo, o meu coração a bater em ritmo de galope. Quando entrei, fez-se um silêncio sepulcral. Não conhecia, pessoalmente, nenhum dos presentes. Senti que todos os olhares se fixaram em mim, provavelmente carregados de uma intensa revolta e ódio. Mas não, os meus receios, felizmente, eram infundados. A pouco e pouco, todos vieram falar comigo, sem quaisquer ressentimentos. E todos agradeceram o trabalho que temos vindo a fazer em prol das crianças com Diferenças. E todos se ofereceram, de uma forma ou outra, para colaborar, para trabalhar no âmbito do objecto da associação. Foi um grande alívio!

À noite, a Judite foi deitar os filhos. Pedi-lhe para a acompanhar. Mais uma vez, pude aperceber-me da sua incomparável dimensão moral e humana. Num estado de sofrimento indescritível, poucas horas após a morte de um filho, respondeu a todas as perguntas dos seus outros filhos, sossegando-os e mimando-os de uma forma verdadeiramente enternecedora. Quando a Raquel perguntou pelo João, a Judite respondeu-lhe que ele agora era um anjinho que estava no céu a olhar por todos eles. Afastei-me, nesta altura, profundamente comovido.

No regresso a Lisboa, tentei compreender o que aconteceu. Apesar de toda a tragédia que constitui a morte de uma criança, senti-me possuído de uma imensa plenitude. Esta atitude de respeito pelas diferenças, sem dúvida cultural, ou seja anti-natural, corresponde a uma efectiva modificação das mentalidades e dos valores da nossa sociedade, em que as pessoas vulneráveis, com incapacidades ou em desvantagem podem valer tanto como as outras.

Com a vigilância activa do João, lá do céu, a Raquel, maugrado a sua situação de grande vulnerabilidade física e psíquica, converter-se-á, tenho a certeza, numa mulher plena e totalmente independente.